

I



**Infância no Tennessee — Foge — Nova Orleães —
Entra em rixas — É ferido a tiro — Para Galveston —
Nacogdoches — O reverendo Green — O juiz Holden —
Uma luta corpo a corpo — Toadvine —
Incêndio do hotel — Fuga.**

Vede o menino. É pálido e magro, traz no corpo uma camisa andrajosa de fino linho. Atiça o lume da copa. Em volta estendem-se sombrios campos lavrados, com farrapos de neve aqui e além, e, lá longe, bosques ainda mais escuros que albergam os derradeiros lobos sobreviventes. Dizem que os antepassados dele cortavam lenha e carregavam água, mas, na verdade, o pai foi mestre-escola. Jaz embriagado, cita versos de poetas cujos nomes já se perderam. O rapaz agacha-se junto ao fogo e observa-o.

A noite em que nasceste. Trinta e três. As Leónidas, assim lhes chamavam. Meu Deus, choviam estrelas aos magotes. Procurei o negrume, buracos no céu. A Ursa esventrada.

A mãe, morta nesse dia, há catorze anos, incubou no próprio seio a criatura que havia de lhe pôr fim à vida. O pai nunca pronuncia o nome dela, o filho não o sabe. Tem uma irmã neste mundo que não mais tornará a ver. Observa, pálido e encardido. Não sabe ler nem escrever e nele medra já o gosto pela violência tresloucada. Toda a história está contida naquele semblante, o menino pai do homem.

Aos catorze anos, fuge de casa. Não tornará a ver a cozinha gélida nas trevas antes da alvorada. A lenha, os alguidares para lavar a loiça. Deambula para oeste até Memphis, migrando, solitário, através daquela paisagem bucólica feita de planuras infindáveis. Negros nos campos, magros e curvados, os dedos movendo-se como aranhas no meio dos flocos de algodão. Uma agonia no horto, envolta em sombras. Sobre o

pano de fundo do Sol poente, silhuetas movem-se no lusco-fusco mais vagaroso, cruzando um horizonte feito de papel. Um lavrador solitário de pele escura segue a mula e a grade através do campo de aluvião varrido pela chuva, ao encontro da noite.

Um ano depois, está em Saint Louis. Engajam-no para uma viagem até Nova Orleães a bordo de uma barça. Quarenta e dois dias no rio. De noite, os vapores apitam e passam, a marulhar laboriosamente na água negra, todos iluminados, quais cidades à deriva. Desmantelam a barça e vendem a madeira e ele percorre as ruas e ouve línguas que nunca antes ouvira. Mora num quarto sobranceiro a um pátio, nas traseiras de uma taberna, e, à noite, desce dali como um monstro de um conto de fadas para lutar com os marujos. Não é corpulento, mas tem uns pulsos enormes, umas enormes mãos. Os ombros muito juntos. O rosto de criança permanece curiosamente indemne sob as cicatrizes, nos olhos uma inocência bizarra. Lutam com os punhos, ao pontapé, com garrafas ou navalhas. Todas as raças, todas as estirpes. Homens cuja fala se assemelha aos grunhidos de macacos. Homens de terras tão longínquas e exóticas que, ali parado, vendo-os estendidos na lama, a sangrar a seus pés, ele sente que vingou a humanidade em si.

Certa noite, um contramestre maltês dá-lhe um tiro nas costas com uma pequena pistola. Ao voltar-se para enfrentar o homem, este torna a alvejá-lo mesmo abaixo do coração. O homem foge e ele debruça-se sobre o balcão, com o sangue a jorrar-lhe da camisa. Os outros desviam o rosto. Ao fim de um certo tempo, senta-se no chão.

Durante duas semanas, jaz num catre, no quarto por cima da taberna, enquanto a mulher do taberneiro trata dele. Traz-lhe as refeições, despeja-lhe o penico. Uma mulher de rosto duro, com o corpo rijo como o de um homem. Quando as feridas saram, ele não tem dinheiro para lhe pagar e foge a coberto da noite e dorme na margem do rio até conseguir encontrar um navio que o leve dali. O navio zarpa para o Texas.

Só agora o menino se despoja finalmente de tudo o que foi até então. As suas origens tornaram-se tão remotas como o seu destino, e, por mais voltas que o mundo dê, nunca mais haverá terreno tão selvagem e bárbaro para pôr à prova se o produto da criação pode ser moldado ao sabor da vontade dos homens ou se o próprio coração humano não passa de mero barro. Os passageiros são criaturas ariscas. Escudam os olhos e nenhum homem pergunta a outro o que o traz ali. Ele dorme no convés, peregrino entre peregrinos. Contempla o litoral indistinto que sobe e torna a descer. Aves marinhas cinzentas fitam-no com olhares lerdos. Pelicanos voam em direcção à costa acima das ondas cor de cinza.

Desembarcam num batelão, colonos com os seus tarecos, todos a remirar a linha costeira baixa, a enseada com o seu fino cordão de areia e os pinheiros raquíuticos a boiar na neblina.

Percorre as ruas estreitas do porto. O ar cheira a sal e a madeira acabada de serrar. De noite, as prostitutas chamam-no das trevas como almas penadas. Passa-se uma semana e eis que parte de novo, levando na bolsa os poucos dólares que ganhou, calcorreando sozinho as estradas arenosas da noite meridional, de mãos enclavinadas dentro dos bolsos de algodão do casaco barato. Caminhos em aterro a sulcar os pântanos. Garças em bando pousadas na ramagem das árvores, brancas como velas no meio da barba-de-velho. O vento tem um gume acerado e as folhas de árvore saltitam na berma da vereda e fogem em debandada através dos campos nocturnos. Ele caminha para norte através de pequenas povoações e quintas, trabalhando a troco da jorna, mais cama e mesa. Assiste ao enforcamento de um parricida numa aldeola situada numa encruzilhada, e os amigos do homem precipitam-se e puxam-lhe as pernas, e ele pende morto da corda enquanto a urina lhe escurece as calças.

Trabalha numa serração, trabalha num lazareto para diftéricos. Recebe de um lavrador, à laia de pagamento, uma mula velha, e escarranchado neste animal, na Primavera do ano de mil oitocentos e quarenta e nove, penetra na antiga república de Fredonia e entra na cidade de Nacogdoches.

O reverendo Green tinha casa cheia para lhe ouvir os sermões todos os dias desde que a chuva começara a cair, e a chuva começara a cair há duas semanas. Quando o rapaz, curvando-se, penetrou na tenda de lona surrada, havia apenas um ou dois lugares de pé, junto às paredes, e reinava ali um fedor de tal modo estonteante dos corpos molhados e sujos, que os próprios espectadores, de vez em quando, faziam surtidas porta fora, expondo-se à bâtega em busca de ar fresco, até que a chuva os obrigava a entrar de novo. Ele postou-se junto à parede do fundo, lado a lado com outros da sua condição. A única coisa que talvez o distinguisse naquela turba era o facto de não estar armado.

Amigos, disse o reverendo, ele não se conseguia arredar destes valha-coutos, destes antros de perdição, aqui mesmo, em Nacogdoches. E eu voltei-me pra ele e disse-lhe assim: Vais levar o filho de Deus além pra dentro contigo? E vai daí ele respondeu-me: Não, nem pensar. Não vou, não. E eu disse-lhe assim: Não sabes que ele disse hei-de seguir-te sempre, até ao fim do caminho?

Bom, respondeu-me ele, eu cá não ‘tou a pedir a ninguém que venha comigo. E vai daí disse-lhe eu: Amigo, não precisas de pedir. Ele vai ‘tar à tua ilharga em todos os passos que tu deres, quer tu queiras, quer não queiras. E disse-lhe: Amigo, não te consegues livrar dele. Muito bem. Vais arrastá-lo pràquele antro de perdição acolá, vais arrastá-lo a *ele*?

Escuta cá, moço, já viste alguma terra onde chovesse desta maneira?

O rapaz estivera a observar o reverendo. Voltou-se para o homem que lhe falara. Tinha bigode comprido, à maneira dos carroceiros, e trazia na cabeça um chapéu de abas largas, de copa baixa e redonda. Era um bocadinho estrábico e fitava o rapaz intensamente, como se quisesse saber a opinião dele acerca da chuva.

Ainda agora aqui cheguei, disse o rapaz.

Pois olha, eu cá nunca vi nada que se comparasse com isto.

O rapaz fez que sim com a cabeça. Um homem colossal, vestido com um impermeável de oleado, entrara na tenda e tirara o chapéu. Era calvo que nem um seixo e não tinha sequer resquícius de barba e não tinha sobranceiras acima dos olhos nem pestanas nas pálpebras. Media quase sete pés de altura e ficou parado, a fumar um charuto ali mesmo, naquela casa itinerante de Deus, e parecia ter tirado o chapéu somente para sacudir a água que o cobria, pois tornou a pô-lo na cabeça.

O reverendo calara-se, interrompendo por completo o sermão. Não se ouvia som algum na tenda. Todos observavam o homem. Este ajeitou o chapéu e depois abriu caminho por entre a mole humana até alcançar o púlpito feito de tábuas de caixotes e, aí chegado, voltou-se para encarar a congregação de fiéis do reverendo. Tinha o rosto sereno e estranhamente acriançado, as mãos miúdas. Estendeu-as.

Minhas senhoras e meus senhores, sinto-me obrigado a informá-los do seguinte: o homem que está a conduzir esta cerimónia é um impostor. Não possui diploma algum de teologia com a chancela de qualquer instituição reconhecida ou improvisada. É absolutamente desprovido da menor qualificação para o desempenho do cargo que usurpou e limitou-se a memorizar alguns trechos do livro santo com o fito de emprestar aos seus sermões fraudulentos um vago travo da piedade que despreza. Na verdade, o cavalheiro que aqui têm na vossa frente, fazendo-se passar por sacerdote de Deus, além de totalmente analfabeto, é procurado pelas forças da lei nos estados do Tennessee, do Kentucky, do Mississippi e do Arkansas.

Oh, meu Deus, gritou o reverendo. Mentiras, mentiras! Começou a ler febrilmente pela bíblia aberta que segurava nas mãos.

Devido a um leque variado de acusações, a mais recente das quais envolveu uma rapariga de onze anos — onze anos, repito — que o abordara com toda a credulidade e que ele foi surpreendido a violar, vestido dos pés à cabeça com a libré do seu Deus.

Um gemido varreu a multidão. Uma senhora tombou de joelhos.

Ei-lo aqui, gritou o reverendo, a soluçar. Ei-lo aqui. O demónio. Aqui está ele.

Vamos mas é enforcar este patife, gritou um rufia mal-encarado na plateia, voltando-se para o fundo da tenda.

Menos de três semanas antes, tinham-no expulsado de Fort Smith, no Arkansas, por ter tido relações com uma cabra. Sim, minha senhora, ouviu bem. Uma cabra.

Homessa, eu seja ceguinho se não dou um tiro naquele filho da mãe, bradou um homem, pondo-se de pé no extremo mais afastado da tenda e, sacando uma pistola do cano da bota, apontou-a e disparou.

Acto contínuo, o jovem carroceiro sacou de uma faca que trazia escondida nas roupas e rasgou a tenda ao longo de uma costura e saiu para o exterior, mergulhando na chuva. O rapaz seguiu-o. Baixaram-se e correram através da lama, em direcção ao hotel. O tiroteio dentro da tenda tornara-se intenso e já havia uma dúzia de saídas abertas nas paredes de lona por onde a multidão jorrava, mulheres aos gritos, gente a tropeçar, gente calcada aos pés no lamaçal. O rapaz e o amigo alcançaram o alpendre do hotel e limparam a água dos olhos e voltaram-se para ver. No momento em que se viraram, a tenda começou a oscilar e a vergar-se e, qual enorme medusa ferida, soçobrou vagarosamente, arrastando pelo chão painéis de lona esfarrapada e cordas puídas.

O homem calvo já estava ao balcão quando eles entraram. Sobre a madeira envernizada, na sua frente, encontravam-se dois chapéus e um enorme punhado de moedas. Ergueu o copo, mas não para eles. Encostando-se ao balcão, pediram *whiskeys*, e o rapaz pousou o dinheiro no tampo, mas o *barman* empurrou a moeda com o polegar e fez um sinal com a cabeça.

Quem paga esta rodada é o juiz, disse.

Beberam. O carroceiro pousou o copo e olhou para o rapaz, ou pareceu olhar, não se percebia bem qual o ponto que os seus olhos fitavam. O rapaz olhou para o outro extremo do balcão, onde o juiz se encontrava parado. O balcão era tão alto que nem todos os homens conseguiam sequer apoiar os cotovelos no tampo, mas dava somente pela cintura do juiz, e este mantinha-se de pé, com as mãos espalmadas na madeira, ligeiramente debruçado, como que a preparar-se para proferir novo discurso. Nesse mo-